

GLAUCIA BENEDITA VIEIRA

ENQUÊTE SUR L'ÉVOLUTION LITTÉRAIRE, DE JULES HURET:
A HISTÓRIA LITERÁRIA NAS PÁGINAS DO JORNAL

Relatório de Pós-doutorado realizado na
Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e
Letras, Assis.

Supervisora: Prof. Dra. Daniela
Mantarro Callipo

Assis

2023

O PROJETO

A pesquisa envolvida neste projeto de pós-doutoramento não se restringe ao período do curso, uma vez que todo o meu percurso pela pós-graduação me possibilitou vislumbrar certos pontos, envolvendo a cena literária do *fin-de-siècle* francês, que demandavam atenção e pareciam trazer respostas para questões levantadas ao longo dos estudos que havíamos realizado até então.

Conhecendo um pouco mais detalhadamente como ocorreu a recepção das obras do escritor J.-K. Huysmans (1848-1907) no Brasil, percebemos que, além de *À rebours* (1884), a tetralogia de Durtal também foi largamente comentada pelos periódicos brasileiros. Os temas abordados em *Là-bas* (1891), *En route* (1895), *La cathédrale* (1898) e *L'oblat* (1901) ultrapassavam a religiosidade escancaradamente apresentada, e outros elementos artísticos moviam o enredo. Parte dessas informações eram corroboradas por documentos não ficcionais, entre eles, uma entrevista concedida a Jules Huret em 1891.

No século XIX, a imprensa tinha um papel de grande relevância para a sociedade, tanto na divulgação de notícias, quanto de *fait divers*, propagandas etc. A comunicação era feita, basicamente, a partir dos jornais. As entrevistas ainda eram uma experiência recente, e Jules Huret aproveitou o novo modelo de escrita para tratar de temas específicos, conversando com pessoas envolvidas nos fatos abordados. Foi o que aconteceu quando ele decidiu conhecer a opinião dos escritores franceses sobre os rumos da literatura nacional e, especialmente, do movimento naturalista.

Huret entrevistou sessenta e quatro romancistas e poetas, divididos entre oito escolas literárias, fossem elas relacionadas ou contra as ideias concebidas no naturalismo. O resultado disso foi um conjunto de diálogos que não se limitava ao encontro entre o jornalista e determinado autor, uma vez que as entrevistas tiveram grande repercussão e passavam a ser um dos assuntos debatidos. As publicações aconteceram no jornal *L'Écho de Paris*, entre março e julho de 1891, apresentando também cartas e bilhetes enviadas pelos autores. Ao final desse período, todo o material foi lançado em formato de livro.

Muitos fatores que influenciaram a criação literária no passado podem ser identificados e interpretados a partir das próprias obras e das reações causadas por elas. No caso da análise da tetralogia de Durtal, encontramos na *Enquête* discussões sobre a técnica da escrita, as relações entre escritores, os projetos futuros e tantos outros tópicos

envolvendo a literatura. Diante de um conteúdo vasto e rico, havia a expectativa de que pudéssemos entender mais detalhes de como a literatura francesa se desenvolvia e se relacionava com a sociedade da época. Para tornar o material mais acessível, propomos a tradução de todo o livro para a língua portuguesa.

A TRADUÇÃO

À primeira vista, essa atividade me parecia algo técnico, quase que automático – seria a transposição do texto em língua francesa para a língua portuguesa. No entanto, a leitura silenciosa, feita durante o curso de doutorado, não era suficientemente detalhada ao ponto de poder ser passada para o papel sem deixar brechas ao longo da tradução.

Recebi várias orientações de leitura da minha supervisora, muitas relacionadas aos estudos da tradução. Desta forma, além de compreender o conteúdo, também passei a conhecer os professores, pesquisadores e tradutores que desenvolvem trabalhos e estudos nessa área. Após iniciar essa fase de aquisição de conhecimento, por iniciativa de minha supervisora, idealizamos um evento no qual pudéssemos reunir pesquisadores desejosos de compartilhar experiências referentes à tradução – do ensino teórico à sua aplicação.

Em outubro de 2022, juntamente com outros dois discentes da pós-graduação, realizamos o *I Encontro de tradução da Unesp de Assis*, que contou com mesas redondas, palestras e apresentação de comunicações. Contamos com a participação de professores, pesquisadores e tradutores de variadas línguas, como, por exemplo, alemão, russo, francês, inglês etc.

Para mim, ainda que estivesse somente começando a trilhar por essa área, nova em meu percurso acadêmico, ficava cada vez mais claro que não existe fórmula pronta que nos indique como fazer uma tradução, o que existe é uma teoria que trata de circunstâncias ligadas ao processo tradutório e das possibilidades de ação diante de cada uma delas. Isso aponta para a necessidade de conhecer o material com o qual iremos lidar, pois cada texto a ser traduzido nos apresenta suas próprias necessidades e, para garantir que a tradução seja completa de sentidos, é preciso investir tempo para pesquisar, estudar o texto na língua fonte e todo o contexto histórico, social e cultural que possa ser influente para sua compreensão.

Em função da extensão do texto e da oportunidade de estabelecer um ambiente de compartilhamento e estudos sobre tradução, decidimos formar um grupo para dividir

o material e realizar, cada um, parte da tradução. Todos os participantes têm conhecimento profundo da língua francesa, tendo, em sua grande maioria, licenciatura em francês. Além de mim, estão incluídos: prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior, profa. Dra. Camila Soares López, profa. Dra. Daniela Mantarro Callipo, profa. Dra. Dayane Mussulini, profa. Dra. Janaína Jenifer de Sales e profa. Dra. Meriele Miranda de Souza.

Alguns impasses surgem ao passo que traduzimos, pois o texto não mantém um padrão vocabular – o fato de serem dezenas de entrevistados diferentes já é, por si só, uma razão para existir linguagens diferentes, mas Huret potencializa esse fator ao ajustar a própria escrita ao estilo de cada escritor. É certo que esse recurso tornou a leitura mais estimulante e deu ao texto um aspecto mais trabalhado, de mais valor; no entanto, a tradução não tem uma regularidade, já que a estrutura textual e certos assuntos se alteram a cada novo interlocutor. Felizmente, essa dificuldade pôde ser contornada, uma vez que cada tradutor é responsável por um bloco de autores, um movimento literário específico.

A divisão da tradução em blocos ajuda o tradutor a se envolver com as entrevistas relacionadas a um movimento literário específico, a um grupo de escritores relacionados entre si e, conseqüentemente, com os temas e o vocabulário ligado a ele; assim, é possível ficar mais concentrado nesses elementos. Quando escreve sobre a prática tradutória, Arrojo (2007) apresenta um conceito no qual compara a tradução ao transporte de carga por meio de vagões de um trem – o tradutor pode transferir essa carga de significados, mas sem interferir, sem alterar seu conteúdo. Toda linguagem tem uma representação mais complexa do que se pode perceber superficialmente, e cabe ao tradutor garantir que nenhum desses elementos fique perdido ao longo do caminho.

Para além do elemento linguístico, existe um ponto de grande importância a ser considerado, que é a cultura. Um texto carrega determinada língua, costumes, cultura, a visão de um povo em certo período, e essas características correm o risco de ficarem perdidas em palavras ou expressões não contempladas durante a tradução. Considerando que tratamos de uma obra publicada em 1891, é razoável que cuidemos para garantir que qualquer menor significado seja mantido durante a transferência para a língua portuguesa. Em seu artigo, Cunha (2005), comenta a respeito dessa situação: “[...] o ato tradutório continuamente amplia as fronteiras linguísticas e culturais das linguagens de cada um. Em si mesma, a tradução passa a ser uma forma revitalizada e revitalizadora da linguagem e do significado com suas formas de expressão.” (p. 105).

Uma das primeiras dúvidas levantadas por nosso grupo foi, justamente, como tratar questões notadamente culturais, históricas e expressões idiomáticas. Tendo o equilíbrio entre tradução literal e de sentido, o principal objetivo é o sucesso na transferência do texto em francês para português. Para tanto, muitas vezes é necessário substituir uma expressão por outra com a mesma equivalência de significado, incluir notas de rodapé com explicações, contextualizar o trabalho de tradução em um texto introdutório etc.

Essas inclusões, sobreposições para esclarecimentos nos remetem à figura do palimpsesto, aludida por Esteves (2014). Ela explica que, antigamente, o pergaminho era um material para escrita e podia ser utilizado em somente um de seus lados. Por conta de sua escassez, as pessoas foram obrigadas a raspar os rolos de pergaminho já existentes e grafados para reaproveitá-los. Assim, o novo texto era escrito sobre a superfície apagada e, muitas vezes, era possível enxergar leves traços do texto anterior ainda marcados no papiro. A tradução funciona de maneira parecida, o texto original ganha novas camadas ao passo em que recebe novas leituras e é reescrito em outras línguas. Mesmo conservando o máximo de significados explícitos e implícitos do texto em francês, é necessário que o façamos considerando o olhar do leitor brasileiro – isso, certamente, é uma nova camada.

Atualmente, temos mais da metade do livro traduzido, quantidade que só não é maior porque todos os tradutores do grupo têm diversas obrigações acadêmicas e porque, como esperado, à medida que o processo tradutório avança, mais e mais dúvidas aparecem. A *Enquête* é conhecida por todos nós, bem como o período literário e a relevância dos autores entrevistados; o que terá de ser feito é uma conferência e ajustes de qualquer indecisão na escolha de significados na língua alvo para algum termo inicial em língua fonte. Ademais, farei quantas leituras forem necessárias para arrematar toda a obra, para garantir que a tradução carregue todo sentido para futuros leitores, familiarizado ou não com ela.

BIBLIOGRAFIA

ARROJO, R. *Oficina de tradução. A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

ARROJO, R. *O signo desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 2003.

BASSNETT, S. *Estudos de tradução: fundamentos de uma disciplina*. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2003.

CUNHA da, Patrícia L. F. Literatura comparada e tradução: releituras e recriações culturais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.7, 2005, p. 103-111.

ESTEVES, Lenita M. R. *Atos de tradução: ética, intervenções, mediações*. São Paulo: Humanitas, 2014.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos. A literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

JAUSS, H. R. *A literatura e o leitor*. Tradução: Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Meschonnic, H. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa P. Ferreira; Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

MILTON, J. Tradução: teoria e prática. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

RÓNAI, P. *A tradução vivida*. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

A LITERATURA NO *FIN-DE-SIÈCLE*

Jules Huret já trabalhava como jornalista quando desenvolveu a *Enquête sur l'évolution littéraire*, suas contribuições ao *L'Écho de Paris* começaram em 1890, um ano antes da publicação das entrevistas. O material apresenta um tema visível, que é a Literatura, e outro menos evidente, relativo à sociabilidade em tono da qual giravam as relações entre os vários escritores atuantes da época. Na primeira vez em que apareceu no jornal, o quadro recebeu uma pequena introdução de Huret, declarando que começou aquele trabalho a fim de estudar o estado da literatura contemporânea, as heranças que ela carrega e seus reflexos nos novos programas. Ele também preparou os leitores para conhecerem a opinião dos mais amados e diversos escritores que responderiam a questões como: “Qual é esse movimento? Em que sentido ele se exerce? Estamos, agora, em uma luta suprema na qual deve ter vencedores e vencidos?”¹. As ideias são concentradas em menos de meia coluna, fazendo uma rápida contextualização das expectativas de Huret em relação aos acontecimentos literários de sua atualidade. Era

¹ Quel est ce mouvement? Dans quel sens s'exerce-t-il ? Sommes-nous à l'instant d'une lutte suprême où il doit avoir des vainqueurs et des vaincus?

um texto simples, quase chegando a apresentar os autores como celebridades e as entrevistas como produto a ser consumido.

Poucos meses depois, quando lançou o livro com a reprodução das entrevistas, ele fez uma introdução maior e mais completa, uma vez que tinha outra visão de seu trabalho – não era mais um projeto em andamento e, sim, finalizado. Por conta disso, Huret tinha condições de mensurar os resultados daquela enquete em relação aos participantes e ao público. Foram quinze páginas de considerações minuciosas, nas quais ele ponderou o que desejava fazer e o que havia feito.

Desde a imprensa, que já falou de tudo mundo, resignou-se a se ocupar também com os fatos e gestos dos literários, o público, apreciador de todas as cozinhas, interferiu por si mesmo nas querelas internas da arte, fazendo-se juiz com uma autoridade que lhe dá o hábito de ordinários difamadores.² (Huret, 1891, p. VII)

Os jornais eram uma vitrine, tornavam público todo assunto. As entrevistas foram divulgadas conforme os encontros ocorriam, durante cerca de cinco meses; os participantes liam tudo o que os colegas respondiam e, mesmo após serem publicados, podiam enviar cartas com observações, correções ou esclarecimentos. Eram escritores ligados a diversos e diferentes movimentos literários, dos mais consagrados aos mais inovadores. Havia uma tensão, ora ignorada, ora reforçada, sobre o passar do tempo, a renovação da literatura e a substituição de movimentos - era um misto de razão e paixão.

Não é necessário, portanto, ver na Enquête que submeto ao público, um estudo geral de nossa literatura durante um período caracterizado por concomitâncias, afinidades intelectuais e morais como eram o romantismo e o naturalismo, como serão, talvez, o simbolismo e o psicologismo. Ela oferece, tão simplesmente, sob o inquieto lornette da atualidade e no campo fechado de um jornal; o espetáculo, pela primeira vez, senhoras e senhores, de artistas apresentados em liberdade e mal embo...lados³, diga-se para que não se ignore a multidão cuja ferocidade é satisfeita em todas as arenas.⁴ (HURET, 1891, p. IX, X)

² Depuis que la presse, qui, déjà, parlait de tout le monde, s'est résignée à s'occuper aussi des faits et gestes des littérateurs, le public, friand de toutes les cuisines, s'est immiscé de lui-même, dans les querelles intestines de l'art, s'en faisant le juge avec une autorité que lui donne l'habitude des ordinaires potins. (Huret, 1891, p. VII)

³ Embolar: Colocar bolas nas pontas dos chifres de bois e touros para que não sejam capazes de furar algo ou alguém.

⁴ Il ne faut donc pas voir, dans l'Enquête que je sou mets au public, une étude générale de notre littérature pendant une période caractérisée par des concomitances, des affinités intellectuelles et morales comme

Essa longa introdução também foi utilizada como oportunidade para Huret realizar uma espécie de anúncio daquele material, destacando as rivalidades que notara entre certos autores e certos grupos. No entanto, vale dizer que ele afirmou que suas pretensões eram diferentes, pois no início do projeto, supunha que estimularia uma “luta cortês”, mas para seu espanto, recebera essas “brigas e esses golpes de atordoadores e espadachins”⁵ (Huret, 1891, p. X, XI). Ele percebeu, ainda, que a direção tomada pelos autores levava à implantação de uma batalha dos psicólogos contra os naturalistas, e dos simbolistas contra os parnasianos – outras participações, de independentes e estetas, eram somente uma indicação da riqueza da literatura francesa.

Ainda a respeito de suas intenções, Huret lista e explica as questões que pretendia lançar aos escritores, diferentes e divididas conforme o grupo literário, justificando que elas não suscitavam as discussões ocorridas. De maneira geral, as discussões pretendidas eram as seguintes: aos psicólogos, a amplitude e o futuro da reação contra o naturalismo, a correspondência entre eles e os simbolistas; aos simbolistas-decadentes, a definição de suas etiquetas e suas ligações com os parnasianos, se desejavam ser contrários à maneira como os parnasianos e realistas faziam descrições com imagens; aos parnasianos, se havia identificação com os naturalistas e se os final desses tinha a ver com a exaustão do parnaso, e se o simbolismo era resultado deles ou reação a eles; aos naturalistas, se aceitavam seu declínio declarado pelos simbolistas e pela chegada do psicologismo, como viam a movimentação entre seus próprios partidários que mudavam de estilo, suas heranças e seu futuro, suas opiniões em relação ao simbolismo e psicologismo; aos independentes, perguntaria sobre o processo das escolas, teorias de individualidade ou ecletismo artístico. Além disso, desejava perguntar a todos e, mais especificamente aos filósofos, se acreditavam que as novas tendências prevaleceriam sobre as antigas e por quais motivos, de qual forma isso ocorreria. A frustração desses planos foi explicada pelo próprio jornalista:

l'on été le romantisme et le naturalisme, comme le seront peut-être le symbolisme et le psychologisme. Elle offre, plus simplement, sous l'inquiète lorgnette de l'actualité et dans le champ clos d'un journal, le spectacle, pour la première fois, Mesdames et Messieurs, d'artistes présentés en liberté et mal embou...lés, qu'on se le dise afin que n'en ignore la foule dont la férocité se complaît en toutes les arènes. (HURET, 1891, p. IX, X)

⁵ “lutte courtoise”; “ces pugilats et ces estafilades d’assommeurs et des spadassins”

Em primeiro lugar, a maioria revelou-se inapta às abstrações, aos desenvolvimentos ou mesmo à simples linguagem das ideias. Então as ideias não pareciam preocupá-los senão secundariamente; eles só as usaram como armas de combate, espadas ou couraças, mas de uso útil apenas para adornar sua glória e matar vaidades rivais.⁶ (HURET, 1891, p. XIII, XIV)

Necessário compreender, portanto, se as perguntas realmente não foram respondidas conforme o que Huret esperava e, no caso de ter existido um debate favorável à compreensão do cenário literário, qual teria sido a provável razão para o descontentamento expressado na introdução do livro. Em primeiro lugar, devemos retornar ao jornal, veículo inicial e de suma importância para a publicação da *Enquête*. Pascal Durand (2011, p. 1011-1024) define a reportagem como gênero do jornalismo contemporâneo realizado a partir da coleta e escrita de informações e impressões captadas no local de determinado acontecimento. Após 1870, a França contava com pretendentes a jornalistas que, cada vez mais, viam aquela oportunidade não mais como uma ocupação provisória e, sim, como um trabalho, um ofício no qual é possível ambicionar uma realização. O autor aponta que, como a reportagem, a *enquête* mantém distância da retórica literária e utiliza métodos próprios para obter as informações que interessem um público diverso, mas pensado como unitário. Para esclarecer, a *enquête* é formada quando um jornalista faz várias perguntas sobre o mesmo tema a um grupo de pessoas, ela é uma variação do gênero *interview* – que, grosso modo é a publicação de perguntas, feitas por um jornalista, e respostas, obtidas de alguém ligado ao contexto daquela reportagem. Huret fazia parte de um grupo de jornalistas profissionais, cuja vida foi dedicada à imprensa e, no caso dele, trabalhando por diversas vezes com temáticas literárias e especializando-se no desenvolvimento de *enquêtes* e *interviews*. Diversas entrevistas deixam visível a relação de amizade entre Huret e escritores da época, ele circulava no meio literário com liberdade e mantinha algum vínculo com a maioria dos entrevistados; o resultado dessa proximidade é que, nem mesmo com todo planejamento, haveria alguma garantia de que os encontros saíam como esperado.

Em um exemplo extremo, é possível citar Gustave Kahn que, após responder por carta, esteve com o jornalista em uma taverna, juntamente com o pintor Lemmen, Edouard Dubus, o poeta Vivier e Sapeck. Entre pratos e bebidas servidas, a conversa era

⁶ Tout d'abord, la plupart se révélèrent inaptés aux abstractions, aux développements ou même au simple langage des idées. Ensuite, les idées ne semblaient les préoccuper que secondairement; ils n'en usaient que comme des armes de combat, des épées ou des cuirasses, mais d'un usage utile seulement pour parer leur gloriole et pour fendre les vanités rivales. (HURET, 1891, p. XIII, XIV)

permeada por risos, zombarias e claras demonstrações de que o álcool tornava-se uma personagem daquele almoço. Ao final, Huret revelou o incômodo que sofria por conta do whisky e mostrava estar feliz por ter tomado notas durante a reunião – contando com a ajuda de Dubus. Outra questão que pode ter influenciado no resultado é a midiatização em torno dos autores e de suas obras e, em função do papel da imprensa na sociedade do século XIX, o espaço nesse meio de comunicação era uma oportunidade de se fazer anunciar. Marie-Ève Thérénty (2011, p. 1499-1508), em seu artigo a respeito da ligação entre mídia e literatura, afirma que “é preciso, também, notar que a fronteira entre o anúncio e o editorial é muito porosa⁷” (p. 1501), limites que também ficam borrados na *Enquête*, como apontado por Huret quando observou que esperava, ao menos do mínimo dos escritores, algum entusiasmo e amor desinteressado pela arte (p. XXI). E ele segue:

[...] que o ofício literário não escapa à lei feroz da concorrência vital, e que aqui, como em qualquer carreira, os interesses materiais dominam e tiranizam os apetites espirituais. Fui, portanto, forçado a notar, sob a aparência ativa de uma luta pela arte, as severas e dolorosas e baixas necessidades da luta pela vida.⁸

Thérénty trata do aspecto publicitário presente na *Enquête* quando nos lembra de que os escritores eram as celebridades daquele século por meio de elementos jornalísticos tais como o *portrait*, que os mostravam em contexto mais íntimo, e a caricatura, que os mostravam em relação às suas obras, seu estilo. Em tempos de publicações de ilustrações nos jornais, mesmo as fotos ainda em preto e branco faziam sucesso, pois davam um rosto àquele autor de quem só se conhecia as palavras: “esses gêneros (retrato, caricatura, entrevista) são alimentados pela obra dos escritores que, por vezes, constitui a verdadeira matriz desses artigos, entre real e ficção [...]. Esses fenômenos de hibridização contribuem para uma midiatização generalizada dos escritores”⁹ (2011, p. 1503). Naturalmente, os formatos de reportagens adotadas pelos periódicos sofrem alterações com o tempo, e não foi diferente com os retratos; no final do século XIX, a imagem foi substituída pela descrição – as entrevistas com escritores

⁷ Il faut de plus remarquer que la frontière entre l'annonce et le rédactionnel est très poreuse (p. 1501).

⁸ [...] le métier littéraire n'échappe pas à la loi féroce de la concurrence vitale, et que là, comme en toute carrière, les intérêts matériels priment et tyrannisent les appétences spirituelles. Force m'était donc de noter, sous les apparences hautaines d'une lutte pour l'art, les âpres et douloureuses et basses nécessités de la lutte pour la vie.

⁹ “ces genres (portrait, caricature, interview) sont nourris par l'oeuvre des écrivains qui constitue parfois la vraie matrice de ces articles, entre réel et fiction [...]. Ces phénomènes d'hybridation contribuent à une médiatisation oblique des écrivains” (2011, p. 1503).

informavam sua aparência física, os detalhes de sua sala de trabalho, elementos que passaram a ser apresentados ao leitor de maneira quase literária. Para entendermos esse conceito na prática, Thérenty cita a conversa entre Huret e J.-K. Huysmans para a *Enquête* (2011, p. 1505); nela, o escritor participa desse jogo midiático tornando-se parte dele e falando de si e de suas produções, já o entrevistador incorpora elementos literários em suas falas, mostrando seu conhecimento e capacidade.

Abaixo, incluímos alguns exemplos desse tipo de descrição e de situação na qual as impressões de Huret foram ressaltadas e a entrevista foi marcada pela mistura do texto jornalístico e literário. O primeiro trecho é da entrevista com Maurice Barrès, que passou algum tempo na Itália e tinha proximidade com Gabriele D'Annunzio; o refinamento de Barrès aparece de maneira clara, a menção ao país no qual ele desenvolveu parte de sua carreira é um detalhe que não passaria despercebido aos leitores mais atentos da época.

Pequeno hotel Renaissance, rua Legendre [...]. [...] somos finalmente introduzidos em um elegante gabinete com uma lareira monumental de carvalho sobriamente esculpido; pequenas janelas de chumbo, cortinas de seda cinza se abrem para o interior como portas, a haste montada sobre uma charneira. Divã oriental, armário italiano em ébano e marfim, pinturas medievais nas paredes, escrivaninha de carvalho, grandes poltronas Louis XIII¹⁰. (p. 16)

Adiante, uma descrição física se destaca quando Mallarmé recebe adjetivos que o elevam a um mestre, um ser divino cuja presença é uma dádiva. A admiração que o jornalista nutre pelo autor é tão grande que ele se silencia e, tal qual sugere na apresentação que abre a entrevista, ele se inclina para somente ouvi-lo.

Um dos escritores mais amados do mundo das letras, com Catulle Mèndes. Altura média, barba grisalha, pontiaguda, um grande nariz reto, orelhas longas e pontudas de sátiro, olhos bem abertos brilhando com esplendor extraordinário, uma singular expressão de fineza temperada por um grande ar de bondade. Quando ele fala, o gesto sempre acompanha a fala, um gesto harmonioso, cheio de graça, de precisão, de eloquência; a voz entretece um pouco no final das palavras suavizando gradualmente e um encanto poderoso emana do homem, no qual se decifra um imarcescível orgulho, pairando acima

¹⁰Petit hôtel Renaissance, rue Legendre [...]. [...] on est enfin introduit dans un élégant cabinet à cheminée monumentale de chêne sobriement sculptée; petites vitres plombées, rideaux de soie bise s'ouvrant à l'intérieur comme des portes, la tringle montée sur une charnière. Divan oriental, cabinet italien ébène et ivoire, peintures moyen-âgeusesaux murs, bureau de chêne, grands fauteuils Louis XIII. (p. 16)

de tudo, um orgulho de deus ou de iluminado diante do qual devemos imediatamente nos curvar, quando o compreendermos.¹¹. (p. 55-56)

Diferentemente do tom alegre com o qual conduziu a conversa com Mallarmé, Huret pesa a mão nas linhas escritas para apresentar Paul Verlaine. Sem citar qualquer acontecimento da vida do poeta, ele escolheu palavras que encontrariam significados para os leitores, uma vez que diversos problemas reais de Verlaine eram de conhecimento público e renderam a escrita de obras de profunda beleza e angústia.

Sua biografia será um longo drama doloroso; sua vida, uma mistura excepcional de ceticismo agudo e de 'desvios da carne' que se resolvem em intermitentes sadismos, em remorsos penitentes e em quedas profundas na embriaguez do esquecimentos factício¹². (p. 65)

O próximo excerto reproduz o efeito físico de um sentimento que invadiu Maurice Maeterlinck. Embora o autor tenha passado muito tempo respondendo com frases curtas e monossilábicas enquanto estava com Huret, após encontrarem o Duc-Quercy, ele começou um debate sobre literatura e, ao ser contrariado, mostrou seu descontentamento. A maneira como foi descrito mostra uma face diferente do que se via publicamente e se combinava com sua escrita.

Maurice Maeterlinck: A aparente placidez de nosso interlocutor acalorou-se na discussão; as veias das têmporas, muito proeminentes, batiam em golpes redobrados, e eu reconheci ali o traço dessa sensibilidade nervosa que se mescla em toda a obra de Maeterlinck, à saudável grandeza de pensamentos e à energia musculosa da forma¹³. (p. 123-124)

¹¹ L'un des littérateurs les plus généralement aimés du monde des lettres, avec Catulle Mèndes. Taille moyenne, barbe grisonnante, taillée en pointe, un grand nez droit, des oreilles longues et pointues de satyre, des yeux largement fendus brillant d'un éclat extraordinaire, une singulière expression de finesse tempérée par un grand air de bonté. Quand il parle, le geste accompagne toujours la parole, un geste nombreux, plein de grâce, de précision, d'éloquence la voix trame un peu sur les fins de mots en s'adoucissant graduellement un charme puissant se dégage de l'homme, en qui l'on devine un immarcessible orgueil, planant au-dessus de tout, un orgueil de dieu ou d'illuminé devant lequel il faut tout de suite intérieurement s'incliner, quand on l'a compris. (p. 55-56)

¹² Sa biographie serait un long drame douloureux; sa vie un mélange inouï de sceptisme aigu et d'écarts de chair' qui se résolvent en intermittents sadismes, en remords pénitents et en chutes profondes dans les griseries de l'oubli factice. (p. 65)

¹³ Maurice Maeterlinck: L'apparente placidité de notre interlocuteur s'était échauffée à la discussion les veines des tempes, très en relief, battaient à coups redoublés, et je reconnus là la trace de cette sensibilité nerveuse qui se mêle dans toute l'œuvre de Maeterlinck, à la saine grandeur des pensées et à l'énergie musclée de la forme. (p. 123-124)

Gustave Geffroy teve suas características físicas pontuadas, mas sua casa ganhou mais espaço nos comentários de Huret. Chama a atenção o detalhe de que ele listou as pinturas que cobriam as paredes do escritório do romancista, que também era crítico de arte.

Eu o vi em sua casa, no alto de Belleville, em seu escritório que surge sobre um jardim de terraço, plantado com castanheiras cujos botões resinosos vão quebrar em alguns instantes. Penduradas nas paredes, telas de Carrière, de Monet, de Pissarro, de Renoir, da sra. Bracquemond; desenhos de Delacroix, de Raffaëlli, de Chéret, de Willette, uma litogravura de Edmond de Goncourt com uma dedicatória do mestre, que eu vi, aliás, sem notar no entanto, na casa da maioria dos escritores que visitei até agora. Sobre a chaminé, um bronze de Rodin, uma faunesa de corpo flexível, de rosto fúnebre¹⁴. (p. 236-237)

Retornando à tendência do *portrait*, veremos um exemplo em que o jornalista fala rapidamente sobre o local onde se reuniu com Leconte de Lisle e, antes de descrever o escritor, afirma que a fisionomia dele era conhecida por todos e faz algumas observações bem gerais, tais como os cabelos longos, o monóculo usado por ele. Essa figura era pública nos jornais, mas Huret estava junto de Lisle e tinha informações mais frescas, às quais somente ele teve acesso, por isso ele continuou, ressaltando traços que ele via naquele dia.

64, avenida Saint-Michel, um pequeno escritório na rua; prateleiras de biblioteca, algumas poltronas, uma mesa onde estão espalhados volumes de poesia pontilhados pelo abridor de cartas. Todo mundo conhece a fisionomia do mestre, sua figura inteiramente barbeada, sua longa cabeleira grisalha e o monóculo emoldurado com escamas fixado em seu olho direito. Hoje, ele tem uma boina veneziana de veludo vermelho, que parece uma coroa¹⁵. (p. 278)

¹⁴ Je l'ai vu chez lui, tout en haut de Belleville, dans son cabinet de travail qui prend jour sur un jardin en terrasse, planté de marronniers dont les bourgeons goudronnés vont craquer tout à l'heure. Pendus aux murs, des toiles de Carrière, de Monet, de Pissarro, de Renoir, de madame Bracquemond; des dessins de Delacroix, de Rauaëlli, de Chéret, de Willette, un portrait gravé d'Edmond de Goncourt avec une dédicace du maître, que j'ai vu, d'ailleurs, sans le noter toujours, chez la plupart des écrivains que j'ai jusqu'ici visités. Sur la cheminée, un bronze de Rodin, une faunessa au corps souple, au visage funèbre. (p. 236-237)

¹⁵ Leconte de Lisle : 64, boulevard Saint-Michel, un petit cabinet de travail sur la rue des rayons de bibliothèque, quelques sièges, une table où sont épars des volumes de poésie piqués de coupe-papier. Tout le monde connaît la physionomie du maître, sa figure entièrement rasée, sa longue chevelure grisonnante, et le monocle encadré d'écaïlle rivé à son oeil droit. Il a aujourd'hui sur le tête une calotte de velours rouge vénitienne, qui s'érige en tiare. (p. 278)

Em toda a enquete temos poucas entrevistas sem esse método descritivo, seja em relação ao local ou ao autor convidado. Seria muito arriscado fazer uma análise desse material com um olhar moderno, por conta disso o que podemos depreender a partir desses exemplos passa mais distante de uma ideia de *marketing* ou de diálogos simulados e se aproxima de um comportamento profissional do jornalista Huret, que se serviu dos recursos disponíveis e usuais da época, bem como de sua fácil circulação no meio literário. No entanto, o mesmo material pode ser visto de duas formas diferentes de acordo com o veículo de informação: o jornal e o livro. Considerando as observações existentes na introdução do livro, Huret também notou que reunir a enquete alterou a percepção do leitor sobre ela. O intervalo de cerca de cinco meses entre a primeira e a última entrevista lançada no *L'Écho de Paris* indica que as publicações aconteciam logo após o encontro entre Huret e o escritor da vez; isso significa que cada entrevista representava um trabalho pronto, que era rapidamente entregue ao leitor. Acontece que, como qualquer reportagem jornalística, a enquete estava sujeita às interferências e reveses da vida real, o que pode ter se sobressaído quando foi acessada como um conjunto.

Observemos uma parte do final da introdução do projeto da *Enquête* em sua primeira aparição no *L'Écho de Paris*, em 03 de março de 1891: [...] j'ai donc voulu étudier l'état actuel de la littérature [...]. À côté de l'actualité, j'ai eu le souci de voir où était la vie, et de chercher près de ceux qu'on prétend vaincus, s'ils jugeaient les efforts des nouveaux venus susceptibles d'avenir [...]¹⁶. Desde o início, havia um planejamento de promover o defronte entre os escritores de escolas do passado e os escritores da atualidade – a simples menção de um lado composto por ‘vencidos’ e de outro pelo futuro da literatura, já sugere um confronto.

Aquele momento cultural compelia os autores a aderirem uma forma de representação artística e isso, por si só, criava um cenário de oposição. O Naturalismo começava a perder forças; a objetividade científica, a observação e registro da realidade e do meio social davam lugar ao lirismo, ao etéreo representado pelo Simbolismo. Com uma efervescente atividade literária, os muitos escritores franceses dividiam-se em grupos organizados de acordo com afinidades e semelhanças de visões artísticas –

¹⁶[...] j'ai donc voulu étudier l'état actuel de la littérature [...]. À côté de l'actualité, j'ai eu le souci de voir où était la vie, et de chercher près de ceux qu'on prétend vaincus, s'ils jugeaient les efforts des nouveaux venus susceptibles d'avenir [...].

desses, alguns eram exclusivos, fechados e totalmente voltados à leitura e discussão de textos.

Na França, houve cenáculos ao longo de todo o século XIX, com momentos de maior intensidade e períodos menos favoráveis: da Seita dos Meditadores (1798-1803) às Terças-feiras de Mallarmé (1878-1898), passando pelo Cenáculo de Victor Hugo, o Sótão de Delécluze, as Quartas-feiras de Alfred de Vigny, o Pequeno Cenáculo, os Sábados de Leconte de Lisle, os Domingos de Flaubert, os Domingos de Goncourt, e muitos outros. (GLINOER, 2020, p.15)

Ademais, apesar do grande número de escritores ativos no *fin-de-siècle*, era natural que eles conhecessem uns aos outros e tivessem algum juízo formado a esse respeito. Observemos a postura de Jean Moréas, por exemplo, afirmando que Zola era um romancista simplório e sem estilo, como Eugène Sue; que Daudet estava abaixo de tudo, um bombeiro de Champrosay; e Mallarmé era um poeta nobre; quanto a Laurent Tailhade, disse ter brincado com os burgueses ao dizer que o autor era um poeta simbolista; que Charles Vignier não publicava há tempos, e Moréas esperava que ele voltasse a escrever para que pudesse aplaudi-lo; ao falar de René Ghil, ele disse que não se ocupava com outra coisa senão literatura. René Ghil, por outro lado, respondeu por carta, expondo a idade e obras de alguns colegas; para ele, Verlaine tinha pequenos poemas que não constituíam obras, Mallarmé tinha bonitos versos que ficaram no passado, e Moréas fez três pequenos versos sem continuação.

Críticas e elogios aparecem aos montes, na mesma medida em que os escritores alfinetam uns aos outros, também descrevem os feitos dos mais velhos ou profetizam o sucesso dos mais novos. Rémy de Gourmont apontou Verlaine como referência na poesia; Mallarmé, nos poemas em prosa e afirmou que *À rebours*, de Huysmans, era um breviário que precisa ser lido e relido. Já Mallarmé, listou os nomes que representavam a evolução poética: Moréas, Henri de Régnier.

É sobre essa teia de relações que os estudos das sociabilidades tratam, analisando o convívio desses escritores de diferentes idades, origens e expectativas, que se aproximavam de uns e se distanciavam de outros. Essas conexões tinham um reflexo de grande alcance, uma vez que estavam expostas publicamente nos jornais. O sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002) desenvolveu um vasto estudo a respeito da relação entre indivíduo e sociedade, no qual a ação do primeiro repercute sobre o segundo. Sobre esse efeito no contexto de grupo literário, afirmou que:

O campo literário (etc.) (3) é um campo de forças que atua sobre todos aqueles que entram nele, e de maneira diferenciada conforme a posição que eles ocupam (ou seja, para ir de um extremo a outro, aquela de autor de peças de sucesso ou aquela de poeta de vanguarda), ao mesmo tempo em que um campo de lutas de concorrência que tende a conservar ou transformar esse campo de forças.¹⁷ (BOURDIEU, 1991, p. 3-4)

Ao selecionar os escritores que fariam parte da enquete, era natural que ocorresse alguma divisão de acordo com o posicionamento de cada um deles; ademais, o próprio Huret planejava um confronto entre os nomes do passado e os nomes do futuro. Em 5 de julho de 1891, após a publicação da última entrevista, o jornalista escreveu um breve encerramento para o projeto com um tom surpreendentemente satisfeito – a surpresa acontece em função de já conhecermos o descontentamento presente na introdução feita por ele na versão de livro da *Enquête*.

Trago desta viagem ao mundo das letras impressões que combinam a doçura de mais de um encontro simpático e reconfortante, e essa melancolia imperceptível que emerge, mesmo aos olhos dos indiferentes, do espetáculo das ásperas lutas pelo sucesso...¹⁸

Mesmo a leitura mais despreziosa é suficiente para identificar que a maioria dos encontros mais parecia uma conversa entre amigos, tornando mais leves até mesmo as reclamações. Era essa a impressão de Huret ao concluir seu trabalho de investigação do cenário literário daquele momento. Curiosamente, a interação dos autores passou a ser um problema meses depois, na publicação do livro. Comentando os resultados ao longo da introdução do livro (1891, p. XIV), Huret lamenta que o romancista consagrado via o naturalismo como um rótulo onde seu talento se abasteceu; bem como o simbolista, com a bandeira do simbolismo; que alguns tinham cuidados com os amigos de campo adversário, mas eram grosseiros os escritores que estavam ao lado deles; que zombam de quem alcançou sucesso e não perdoam aqueles que ganharam

¹⁷Le champ littéraire (etc.) (3) est un champ de forces agissant sur tous ceux qui y entrent, et de manière différentielle selon la position qu'ils y occupent (soit, pour prendre des points très éloignés, celle d'auteur de pièces à succès ou celle de poète d'avant-garde), en même temps qu'un champ de lutttes de concurrence qui tendent à conserver ou à transformer ce champ de forces. (BOURDIEU, 1991, p. 3-4)

¹⁸Je rapporte de ce voyage dans le monde des lettres des impressions où se mêlent la douceur de plus d'une rencontre sympathique et reconfortante, et cette imperceptible mélancolie qui se dégage, même aux yeux des indifférents, du spectacle des âpres lutttes pour le succès...

dinheiro; promovem desconhecidos que não representam perigo, para irritar outros que tiveram sucesso.

Em seguida, ele completou:

Daí este resultado inesperado, mas pelo qual me felicito pelos leitores (porque devo felicitar-me por alguma coisa), que se a minha enquete não oferece à história literária teorias suficientes, ela revela à história geral as paixões profundas, os segredos do espírito, os costumes combativos de um grande número de artistas desta época. O trabalho realizado desta forma, apesar de mim, se os estetas podem com direito desprezá-la, será, não tenho dúvida, precioso aos psicólogos tanto quanto aos moralistas (p. XIV, XV)¹⁹.

As entrevistas são, seguramente, notáveis. Huret fez um trabalho jornalístico que levou aos leitores, quase diariamente, uma conversa franca e séria sobre literatura, sem deixar de lado os aspectos mais íntimos que permitiam ao público sentir-se sentado à mesa de trabalho desses autores ou caminhando ao lado deles enquanto escuta as confidências de pessoas geniais, mas ainda assim, pessoas reais. De fato, não existe um livro de história literária, no entanto, temos o registro de opiniões de sessenta e quatro dos mais importantes escritores franceses do final do século XIX, com seus relatos de experiências, com histórias dos bastidores da literatura e da vida comum que tinham longe dos cenáculos e dos holofotes editoriais.

BIBLIOGRAFIA

BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, P. Le champ littéraire. In: *Actes de la recherche en sciences sociales*. Vol. 89, set. 1991. Le champ littéraire. p. 3-46. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1991_num_89_1_2986>. Acesso em: 04 jul. 2023.

¹⁹De là ce résultat inattendu, mais dont je me félicite pour les lecteurs (car il faut bien me féliciter de quelque chose), que si mon enquête, n'offre pas à l'histoire littéraire de théorisations suffisantes, elle révèle à l'histoire générale les passions foncières, les dessous d'esprit, les mœurs combatives d'un grand nombre d'artistes de ce temps. La besogne accomplie, de la sorte, malgré moi, si les esthéticiens la peuvent à bon droit dédaigner, sera, je n'en doute pas, précieuse aux psychologues autant qu'aux moralistes. (p. XIV, XV)

CHARLE, C. Situation du champ littéraire. In: *Littérature*, n°44, 1981. L'institution littéraire II. p. 8-20. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/litt_0047-4800_1981_num_44_4_1358>. Acesso em: 04 jul. 2023.

DURAND, P. Le reportage. In: *La civilisation du journal*, Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011, p. 1011-1024.

FRANÇOIS, Étienne; REICHARDT, Rolf. Les formes de sociabilité en France du milieu du XVIIIe au milieu du XIXe siècle. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, Paris, v. 23, n. 3, 1987, pp. 453-472. Disponível em: https://www.persee.fr/docAsPDF/rhmc_0048-8003_1987_num_34_3_1419.pdf.

GLINOER, Anthony. Os grupos literários entre o social e o imaginário. *InterFACES*. n. 30, v. 2, Rio de Janeiro, 2020, p. 12-22.

HURET, J. Enquête sur l'évolution littéraire. *L'Écho de Paris*, Paris, p. 2, 3 – 6 col., 3 mar. 1891.

HURET, J. Enquête sur l'évolution littéraire. *L'Écho de Paris*, Paris, p. 2, 4 – 5 col., 5 jul. 1891.

HURET, J. *Tout yeux, tout oreilles*. Paris: Bibliothèque Charpentier, 1901.

THÉRENTY, M.-È. Médiatisation et création littéraire. In: *La civilisation du journal*, Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011, p. 1499-1508.

EVENTOS

SEGUNDO SEMESTRE/2022:

- Ministração do curso “Leitura e produção de textos em Língua Francesa” para os discentes do quarto ano de graduação na Unesp FCL/Assis – 60 horas.
- Participação como avaliadora no XXXIV Congresso de Iniciação Científica da Unesp FCL/Assis.
- Atuação como parecerista de um artigo submetido ao volume 1 n. 31 (2022): Leituras e releituras da violência nas literaturas de língua francesa, da Revista de Estudos Literários da UEMS
- Apresentação da comunicação na V Semana de Letras (Des)valorização docente: Disrupção, (Des)ordem e Democratização do ensino, realizada na Unesp FCL/Assis.

A separação entre Igreja e Estado: Uma alusão histórica na ficção de J.-K. Huysmans

Resumo: No início de sua carreira, o escritor francês Joris-Karl Huysmans (1848-1907) participou ativamente do movimento naturalista; em 1884 tornou-se tema de críticas literárias após publicar *À rebours*, obra ligada à estética decadentista. Anos mais tarde, um novo elemento ganhou destaque em seus romances: a religião. *Là-bas* (1891), *En route* (1895), *La Cathédrale* (1898) e *L’oblat* (1903), formaram uma série sobre a personagem Durtal e sua busca por conhecimentos espirituais. Com base nos estudos de Literatura Comparada, a alusão foi o elemento que enfeixou diversos acontecimentos históricos apresentados na obra *L’oblat*. Graças a este recurso, com poucas palavras, o escritor J.-K. Huysmans abordou assuntos extremamente complexos e extensos, dando ao leitor a possibilidade de conhecer e relacionar a dependência existente na relação entre Igreja e Estado durante a História. O objetivo desta apresentação é explicar cada elemento apresentado na alusão de forma a entender sua necessidade e função no texto huysmansiano.

Palavras-chave: Literatura francesa - Século XIX; Alusão; J.-K. Huysmans

- Participação no Minicurso ‘O texto literário nas aulas de LE: uma aplicação didática’, na V Semana de Letras (Des)valorização docente: Disrupção, (Des)ordem e Democratização do ensino, realizada na Unesp FCL/Assis.

- Ministração da oficina de Língua Estrangeira – Francês: ‘A literatura como instrumento político no caso Dreyfus’, na V Semana de Letras (Des)valorização docente: Disrupção, (Des)ordem e Democratização do ensino, realizada na Unesp FCL/Assis.

- Coordenação do I Encontro de tradução da Unesp/Assis.

Em sua primeira edição, o *I Encontro de Tradução da Unesp de Assis: Aplicações e Perspectivas* propõe a criação de um ambiente voltado ao diálogo entre estudantes, pesquisadores e professores envolvidos em toda forma de trabalho de tradução no meio acadêmico.

O evento, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e Letras de Assis (Universidade Estadual Paulista), será realizado no dia 26 de outubro de 2022, em formato on-line. Composto por palestras, mesas-redondas e apresentação de comunicações, o Encontro terá a tradução como o tema central, quaisquer que sejam a língua fonte e a língua alvo, tendo como base estudos envolvendo ensino, literatura, recepção literária, documentos oficiais, entre outros.

Com a participação de docentes e discentes de diversas Instituições de Ensino Superior, buscamos estimular a discussão entre pesquisadores e o estabelecimento da prática de estudos voltados à tradução no campus da Unesp de Assis, que dispõe de seis diferentes línguas estrangeiras em sua graduação.

- Participação na mesa-redonda do Encontro de tradução – apresentação do trabalho “Literatura em pauta: um projeto de tradução de *Enquête sur l'évolution littéraire*, de Jules Huret”.

- Participação como ouvinte na palestra ‘Tradução poética, pastiche e intertextualidade’, ministrada por Sheila dos Santos, oferecida pela Casa Guilherme de Almeida.

PRIMEIRO SEMESTRE/2023:

- Curso de extensão universitária: Projetos de Pesquisa em estudos da tradução e adaptação - Universidade de São Paulo. – 30 horas.

- Preparação e entrega da proposta do curso de extensão “Circulação de traduções de obras francesas na imprensa brasileira do século XIX”, realizado em parceria com a profa. Dra. Camila S. López.

Objetivo: O curso tem como objetivo compreender as relações literárias estabelecidas entre Brasil e França durante o século XIX, propondo um estudo do papel da imprensa para divulgação das traduções de obras francesas para a língua portuguesa, bem como seu reflexo no estabelecimento de uma literatura e crítica nacional. Para tanto, serão discutidos aspectos teóricos relativos à evolução da maneira como elementos literários foram representados pelos periódicos, desde o lançamento do romance estrangeiro até sua tradução e recepção diante da crítica ao longo do tempo.

A distância estética nos permite localizar e interpretar elementos históricos relativos ao contexto no qual essas traduções aconteceram, tais como: o momento cultural e educacional dos países de partida e de chegada; as alterações gramaticais ocorridas entre o lançamento de traduções e retraduições de uma mesma obra literária; questões político-sociais ligadas a preconceitos e censuras; inserção de paratextos e elementos que auxiliem o leitor com possíveis dúvidas relacionadas ao texto etc. Desta forma, pretende-se estimular uma reflexão a respeito da importância da imprensa para difusão da literatura francesa no Brasil, por meio de traduções que se avolumaram e se adequaram a cada época.

Bibliografia:

ALVES, F., MAGALHÃES, C. & PAGANO, A. *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000.

ANÍBAL B.; ABREU, M. (Orgs.). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

ARROJO, R. *Oficina de tradução. A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1986.

BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. London; New York: 1992.

CAMPOS, A. *Metalinguagem e outras metas: ensaios de teoria e crítica literária*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos*. A literatura de segunda mão. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

GRANJA, Lúcia. No rodapé dos jornais: casos do romance-folhetim. *Floema*—Ano VII, n. 9, p. 147-158, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/floema/article/view/1821/1552>. Acesso em: 30 de maio de 2023.

JAUSS, H. R. *A literatura e o leitor*. Tradução: Luiz Costa Lima. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

MILTON, J. Tradução: teoria e prática. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

OSCARSSON, Ingemar. *Le feuilleton dans la presse française dans les années 1790 et au début du 19e siècle: du supplément indépendant au rez-de-chaussée sous le filet*. *Révue Dix-Huitième Siècle*, n. 25, 1993, p. 433 – 456. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/dhs_0070-6760_1993_num_25_1_1941. Acesso em 18 de ago. de 2021.

TOURY, G. *Descriptive translation and beyond*. Amsterdam: Johns Benjamins, 1995.

VENUTI, L. *The translator's invisibility*. London: Routledge, 1995.

VENUTI, L. *Os Escândalos da tradução*. Bauru: EDUSC, 2002.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Metodologia: Com o apoio de textos teóricos, buscaremos identificar as circunstâncias nas quais a Literatura Brasileira dialogou com obras francesas traduzidas e divulgadas através da imprensa local. Muitas vezes, o material literário se apresenta nos jornais por meio de anúncios, resenhas, críticas e publicação em formato de folhetim; eram muitas maneiras de divulgação que resultavam em uma troca literária e cultural entre França e Brasil.

Atualmente, o acesso a um grande número de periódicos pode ser feito online, no site da Hemeroteca Digital²⁰, opção que favorece a realização de pesquisas. Além

²⁰ Hemeroteca Digital. A Fundação Biblioteca Nacional disponibiliza seu acervo de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas, em formato digital.

disso, o campus da Unesp de Assis tem um grande acervo de periódicos (Cedap²¹) que possibilita ver além da ficção literária e entender como essas obras e seus autores eram recepcionados pela crítica, como se relacionavam no meio artístico e qual era o impacto de suas ações na sociedade.

Em relação ao aspecto prático do curso, as aulas terão formato híbrido, sendo síncronas e assíncronas. Também será realizado um rodízio no qual intercalaremos aulas expositivas e palestras oferecidas por professores convidados. Em razão do intervalo entre as aulas, os textos teóricos a serem estudados já constarão no cronograma, possibilitando o acesso prévio dos alunos.

Resultados esperados: Desejamos promover um espaço de discussão a respeito da maneira como a imprensa contribuiu para a divulgação de obras literárias francesas no Brasil; para tanto, as traduções foram essenciais, pois ampliavam o acesso do público leitor. Temos, portanto, dois importantes países com culturas e comportamentos diferentes que se uniam por um meio de comunicação de grande alcance, de valores moderados e larga distribuição – refletir sobre esses elementos nos permitirá compreender o agitado momento literário do século XIX.

Tendo como público-alvo, além de participantes em geral, alunos da graduação e pós-graduação, esperamos estimular o desenvolvimento de projetos de pesquisa de literatura e imprensa, bem como de estudos de tradução.

²¹ CEDAP – Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Profa. Dra. Anna Maria Martinez Corrêa. Disponibiliza documentos relacionados às áreas de memória histórica e literária (periódicos, documentos oficiais, documentações sonoras, visuais, iconográficas).

SEGUNDO SEMESTRE/2023:

- Preparação e realização dos encontros quinzenais do Grupo de estudos em tradução literária, monitorados por mim, pela profa. Dra. Daniela M. Callipo e pela profa. Dra. Camila S. López.

- Oferta e mediação de simpósio temático no IX Colóquio da pós-graduação em Letras e II Jornada de leitura e literatura na escola: Reflexões e práticas sobre formação de leitores – Unesp/Assis.

Simpósio - Revisão da história e da crítica literária

Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa (UNESP - Assis)

Dr. Alvaro Santos Simões Junior (UNESP - Assis)

Dra. Glaucia Benedita Vieira (UNESP – Assis)

Este simpósio tem por objetivo refletir sobre história e crítica literária, estudo da produção, recepção e circulação de obras, com foco na disponibilização de fontes primárias, organização, análise e crítica. Mais especificamente, almeja-se tomar como objetos de estudo: periódicos; acervos pessoais; correspondências; manuscritos; primeiras edições, entre outros documentos de intelectuais.

- Participação como avaliadora no XXXV Congresso de Iniciação Científica da Unesp FCL/Assis.

- Integração da Comissão Científica e participação como parecerista de resumos do XXVII Seminário de teses em andamento, no Instituto de Estudos da Linguagem, da universidade Estadual de Campinas.

- Preparação e realização do *Ciclo de Palestras em Tradução Literária*, monitorados por mim, juntamente com a profa. Dra. Daniela M. Callipo e a profa. Dra. Camila S. López.

Resumo: O *Ciclo de Palestras em Tradução Literária* nasce de uma parceria entre a Universidade Federal de Uberlândia e a Faculdade de Ciências e Letras Unesp/Assis, e oferece a oportunidade para exposição e debate de trabalhos de pesquisa sobre tradução literária.

Diante das possibilidades de estudos e pesquisas surgidas a partir das variadas línguas estrangeiras oferecidas aos discentes de Letras, e de uma realidade na qual o ensino intercultural faz-se cada vez mais presente e necessário, é importante promover condições para pensar e dialogar aspectos teóricos e práticos da tradução literária em língua portuguesa e estrangeira.

O evento será realizado em formato online, durante as tardes dos dias 16, 23 e 30 de outubro de 2023, contando com a participação de docentes e discentes de diversas Instituições de Ensino Superior.

Programação do Evento:

16 de outubro – 15h

Palestra: Enquête sur l'évolution littéraire, de Jules Huret: A história literária nas páginas do jornal

Dra. Camila Soares López (ILEEL/UFU)

Dra. Daniela Mantarro Callipo (UNESP/Assis)

Dra. Glaucia Benedita Vieira (UNESP/Assis)

23 de outubro – 15h

Palestra: Grés e Cristal: Hipertextualidade e transposição de gênero em versões poéticas de Victor Hugo

Dr. Mateus Roman Pamboukian (USP)

30 de outubro – 15h

Palestra : Entre madeleines e pingas: A catedral proustiana traduzida

Dra. Sheila Maria dos Santos (UFSC)

• Apresentação de comunicação no **V En_LETRA** - Encontro de Pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução.

Enquête sur l'évolution littéraire, de Jules Huret: A história literária nas páginas do jornal

Glaucia Benedita Vieira²²

Alvaro Santos Simões Junior

Camila Soares López

Daniela Mantarro Callipo

Dayane Mussulini

Janaína Jenifer de Sales

Meriele Miranda de Souza²³

Resumo: As pesquisas no campo literário tornam-se mais completas na medida em que cresce o acesso a materiais de fontes confiáveis, com informações que contemplem diversos aspectos do estudo a ser realizado. Diferentemente das críticas, outros textos nos quais os escritores refletem sobre movimentos literários, carreira ou determinada obra, são espaços onde a ficção dá lugar a um olhar mais analítico, conservando, no entanto, um tom pessoal e artístico. As cartas, prefácios, posfácios, entrevistas etc. podem tratar de fatos que esclarecem questões levantadas por pesquisas literárias e ajudar na compreensão de fatos históricos. A proposta deste projeto é realizar um estudo e uma tradução de *Enquête sur l'évolution littéraire*, um conjunto de entrevistas conduzidas pelo jornalista Jules Huret entre março e julho de 1891, por meio do jornal *L'Écho de Paris* e publicadas, ao fim, em livro com o mesmo título. No total, sessenta e quatro escritores participaram presencialmente ou por carta; divididos em capítulos referentes a movimentos literários distintos. Pensando nessa obra como um material que nos oferece maneiras de conexão com o século XIX, surgiu o desejo de torná-la ainda

²² Pós doutoranda do programa de pós-graduação da UNESP/Assis.

²³ Grupo de tradutores.

mais acessível aos leitores e, para isso, propomos a tradução de todo o livro de 1891. Em função da extensão e da complexidade deste trabalho, formamos uma parceria com um grupo de tradutores composto por pesquisadores e professores de diversas instituições. Para maior imersão, faremos uma edição bilíngue e tomaremos o cuidado de incluir notas que tratem de temas ou de verbetes específicos da cultura e dos costumes relativos à França do final de 1800. Na época, imprensa e literatura se beneficiaram da notoriedade alcançada pelo tema desenvolvido na *Enquête*; atualmente, essa obra subsiste e mostra-se ainda fundamental nos estudos literários, fato que nos estimula a lançar luz sobre ela por meio de seu estudo e tradução.

Palavras-chave: Tradução; Século XIX; Literatura francesa; Imprensa.